

GUIMARÃES JAZZ

“O Jazz é uma música que não sendo escrita, vive muito da improvisação e a improvisação faz-se em palco, não se faz em disco, ou em pauta.”

No rescaldo daquele que é um dos festivais de Jazz mais emblemáticos do país, a Spot esteve à conversa com Ivo Martins, para conhecer os “bastidores” de um evento que vai muito além da música...

Como surgiu a ideia de criar o Guimarães Jazz?

Quando cheguei ao Guimarães Jazz o festival ia na sua 4ª edição, já estava bastante consolidado. O festival foi criado em 1991, por um conjunto de pessoas da Associação Convívio que, interessadas pela música e pelo Jazz em particular, resolveram, de uma forma até um pouco arrojada para a altura, organizar o festival com o apoio imediato da Câmara Municipal de Guimarães.

Como é gerir um festival desta dimensão em tempos de crise?

O festival neste momento está muito consolidado, tem uma estrutura e uma forma de funcionar que foi sendo apurada durante muitos anos. A própria cidade também se revê e expressa através dele. O Guimarães Jazz, para além do simbólico, apresenta música, divulga e trabalha o Jazz em várias perspectivas, através das Jam Sessions, dos workshops ou dos grandes concertos.

Portanto apesar de sofrer as consequências desta conjuntura tem-se aguentado porque, de facto, representa bastante para a cidade, e nesse sentido julgo que em termos de importância de distribuição de recursos Guimarães está muito mais sensível ao valor do festival.

Qual a importância das Jam Sessions associadas ao festival?

As Jam Sessions não existiam assim de uma forma tão formal, tão instituída, fomos descobrindo as Jam Sessions primeiro porque percebíamos que os músicos gostavam de tocar e, muitas vezes, queriam actuar depois dos concertos. A partir dessas experiências um pouco informais e até espontâneas, percebemos que era importante criar uma regularidade, estabelecer ali qualquer coisa de concreto, de objectivo, e então começamos a pensar essa realidade. Começámos a trazer músicos para fazer formação e percebemos que esses músicos queriam fazer concertos, Jam Sessions pós-concerto na Associação

Convívio. Fomos construindo esse tipo de situações e a dada altura fomos institucionalizando, as coisas vulgarizaram-se, transformaram-se em acontecimento, e para nós isso também é importante porque o Jazz é essencialmente uma música feita para ser tocada ao vivo. O Jazz é uma música que não sendo escrita, vive muito da improvisação e a improvisação faz-se em palco, não se faz em disco, ou em pauta. Quanto a mim as Jam Sessions são o elemento-chave do festival porque é ali que acontecem talvez das coisas mais interessantes e mais naturais ao permitir relações entre os músicos mais jovens e os mais experimentados. Muitos dos músicos que tocam no grande auditório acabam por tocar também nas Jam Sessions, portanto isto permite graus de interacção e proximidade que são ímpares e que, de facto, transformam o festival.

Para além do seu gosto pessoal, que critérios determinam a escolha de um artista?

A portrait of Ivo Martins, a middle-aged man with grey hair and glasses, wearing a black polo shirt. He is looking slightly to the right of the camera with a thoughtful expression. The background is a bright, out-of-focus window with vertical frames.

“Penso que uma das melhores coisas que temos sabido fazer é precisamente criar distância em relação à pessoas, estando no meio das pessoas. Porque é através delas que o festival se constrói, permite que pensem com autonomia e livremente, algo muito importante.”

IVO MARTINS,
DIRECTOR ARTÍSTICO DO GUIMARÃES JAZZ

Acho que há muitas variáveis aqui. Antigamente o festival fazia-se na Universidade do Minho com uma sala de 300 lugares. Actualmente faz-se no Centro Cultural Vila Flor com uma sala de 800. Essa variável é muito importante, isso determina muito o tipo de programa que se faz. O meu gosto pessoal é evidente, mas há outras questões. Por exemplo o festival tem datas fixas e, muitas vezes, temos que adaptar as datas do festival à circulação dos músicos. Um músico famoso tem, à partida, muito mais digressões que um músico não famoso e, portanto, muitas vezes, é difícil integrá-lo e encontrá-lo disponível para fazer um concerto no festival. Essas relações e o conhecimento da circulação e da movimentação dos músicos são importantes, são aspectos que vamos tentando gerir e isto tem muito a ver com a prática, com a experiência, com os contactos que vamos tendo e com a reacção do público. A reacção do público é, de certa maneira, uma solicitação, exprime um desejo e a vinda do público ao festival é muito importante para nós porque nos faz acreditar que as nossas escolhas funcionam. Há um conjunto de factores e, no fundo, é tudo isto que influencia o programa. Interessa ter uma ou duas figuras importantes por programa, interessa que o concerto inaugural seja forte porque isso cria processos de dinâmica, projecta o festival internamente. Um concerto inaugural forte cria vontade de assistir aos outros.

Como é ser público? Estar numa perspectiva crítica de quem organiza?

Isso é uma das coisas que mais me fascina no festival. Além dos aspectos artísticos, é precisamente o público que me fascina. O público é aquela espécie de entidade insondável que se junta ali, que 10 minutos antes começamos a ver chegar, a pé, de carro e, estando lá dentro, aplaude apoteoticamente. Esse movimento fascina. Pensar porque é que as pessoas, muitas vezes a chover e com frio, deixaram as suas casas, deixaram tudo para se dirigirem ali, para se reunirem e assistirem ao concerto, para aplaudirem, para virem embora satisfeitas e no ano seguinte voltarem de novo. Penso que uma das melhores coisas que temos sabido fazer é precisamente criar distância em relação às pessoas, estando no meio das pessoas. Porque é através delas que o festival se constrói, permite que pensem com autonomia e livremente, algo muito importante.

É mais fácil trabalhar com artistas nacionais ou internacionais?

Acho que é a mesma coisa. Talvez o estatuto do Guimarães Jazz permita que o festival seja visto e respeitado quer a nível nacional como internacional, o que faz com que os músicos tenham respeito e consideração pelo festival. Nós temos a preocupação de apresentar músicos portugueses e do Jazz que se faz em Portugal. Hoje há muito mais músicos nacionais do que antigamente. Quando comecei com o festival havia pouquíssimos.

Hoje há uma quantidade imensa o que é muito bom sinal, quer dizer que o Jazz está em crescimento. Há as escolas, existem cursos superiores de Jazz e isso mudou radicalmente o panorama do Jazz em Portugal.

O que é que se passa no backstage?

O backstage é um mundo completamente à parte mas é precisamente por não se ver que se torna fascinante. O Guimarães Jazz hoje em dia tem uma componente técnica enorme, se compararmos o festival quando era feito na UM e o que se faz hoje no Centro Cultural Vila Flor. A quantidade de técnicos e de equipamento que envolve a apresentação de uma performance e do espectáculo é impressionante. Há muito mais do que um concerto propriamente dito e isso é raro, mesmo em Portugal. Vemos outros festivais, outros acontecimentos paralelos e não encontramos este nível de trabalho. Há aqui um trabalho de aperfeiçoamento, de elevação, uma preocupação de aprofundar um conjunto de situações a vários níveis que depois se reflecte



“O Guimarães Jazz apresenta música, divulga e trabalha o Jazz em várias perspectivas, através das Jam Sessions, dos workshops ou dos grandes concertos.”

no acontecimento em si. O conhecimento passa a ser muito mais profundo, muito mais abrangente, muito mais forte.

Acha que o Guimarães Jazz pode ser educativo e ajudar as pessoas a compreender melhor o Jazz?

O festival, por essência, não tem qualquer tipo de vocação para ensinar o que quer que seja. O Guimarães Jazz pretende essencialmente pôr as pessoas em contacto com a música, com o Jazz, isso é a essência do festival e utiliza todas as fórmulas para o efeito, isto é, usa processos de sedução, mais ou menos ostensivos. Por exemplo, quando colocamos as Jam Sessions num bar, rodeadas de uma certa informalidade, onde se pode estar à vontade, beber um copo e ouvir Jazz, estamos implicitamente a pôr as pessoas em contacto com o Jazz e, quem sabe, não passam à fase seguinte que é ir ao grande auditório, ver os concertos.

Abrimos aqui um ponto avançado de contacto, saímos do Centro Cultural e vamos para junto das pessoas e esperamos que a partir desse contacto surjam interesses de forma a captar pessoas para o grande auditório. Descobrimos que as Jam Sessions são um grande mecanismo de atracção e de sedução, os workshops a mesma coisa.

O festival gera por si só pontos de interesse e pontos de contacto que são fundamentais para um desencadear de interesses e de processos de aprendizagem. Falo por exemplo da Escola de Jazz do Convívio, com cerca de 40 alunos já, isto revela que há conhecimento, prática e experiência de contacto e isso é um trabalho que se deve ao festival.

As pessoas de Guimarães hoje convivem com a palavra Jazz e até com música de Jazz, graças ao Guimarães Jazz, ouvem de uma maneira indirecta e reconhecem-no, muito por consequência deste fenómeno, que quebra um pouco as rotinas.

O festival aí cumpre um papel, é algo subliminar que anda por ali e que se vai entranhando.

Qual a importância do espaço Centro Cultural Vila Flor no festival?

O Centro Cultural Vila Flor (CCV) mudou completamente o festival. O CCV tem uma imagem e é uma estrutura com um potencial enorme. Quando o festival estava a crescer e batia nas paredes do próprio meio onde queria crescer, encontra o CCV que lhe permite ascender a outro nível e usufrui de toda a estrutura técnica e de toda a imagem do CCV. O festival passa então a ter um terreno de expansão enorme e passa a ter uma estrutura de apoio que nunca teve. E aí, o festival que já tinha feito o trabalho de casa, quando recebe o CCV avança e expande.

O Guimarães Jazz já se tinha preparado e quando chegou ao CCV foi só alargar até onde foi possível.